

Ceará



Da cidade para o sertão: a trajetória agroecológica de Francisca e Zezão na convivência com o Semiárido

A história dos agricultores Francisca Oliveira, de 51 anos, e José da Costa, o Zezão, de 53 anos, é um testemunho vivo de que o Semiárido cearense é um lugar de fartura, autonomia e transformação, principalmente quando aliado ao conhecimento e às tecnologias sociais. Hoje estabelecidos no município de Itapipoca (CE), o casal trilhou um caminho de retorno às origens que simboliza a resistência da agricultura familiar.

Antes de fincarem raízes na terra, Francisca, natural do Piauí, e Zezão viviam em Fortaleza. Na capital, enfrentavam a rotina do mercado de trabalho urbano. Ela trabalhava como empregada doméstica e ele na área de serviços gerais. Em 2014, movido pelo desejo de apoiar a mãe e pelo sonho antigo de viver no campo, Zezão convenceu a companheira a mudar de vida.

Com o dinheiro das rescisões trabalhistas, o casal retornou ao interior e reformou uma pequena casa existente na propriedade. Os planos, contudo, exigiram adaptações. De início, Zezão pensou em abrir um comércio, mas percebeu que a demanda local era baixa e não queria competir com os vizinhos. A saída foi diversificar: com a ajuda de familiares, ganharam os primeiros animais: patos, capotes, porcos e pintos. Implantaram um galinheiro, uma horta para consumo próprio e o plantio de árvores frutíferas.



A chegada das tecnologias sociais e a convivência com o Semiárido

A grande mudança na produção da família ocorreu por meio da organização comunitária. Ao participar da associação local, Zezão articulou a chegada de projetos fundamentais para a convivência com o Semiárido. Em 2016, a comunidade foi contemplada com a cisterna da primeira água, destinada ao consumo das famílias.

Logo em seguida, veio o projeto de reuso de águas cinzas (Bioágua), uma tecnologia que purifica a água utilizada nas tarefas domésticas, como lavar louça e roupas, para fins agrícolas. Com o tempo, o acesso à água para produzir foi se fortalecendo ainda mais. A comunidade também recebeu a cisterna calçadão (segunda água), voltada especificamente para a produção de alimentos, uma tecnologia que chegou na comunidade através do P1+2 – Programa uma terra e duas águas e que também serve para a dessedentação animal.

Hoje, o manejo hídrico da propriedade é exemplar e estratégico: a água da primeira cisterna serve para beber; a bioágua alimenta as árvores frutíferas de maior porte; e a cisterna calçadão garante a irrigação dos canteiros de hortaliças.

Intercâmbios: conhecimento que transformou as práticas da família

Um dos pilares da consolidação da experiência agroecológica de Francisca e Zezão foi a participação ativa em processos de formação e intercâmbios promovidos por organizações de assessoria técnica. Desde 2015, ele viaja para encontros em Tianguá, Fortaleza, Juazeiro e já foi também para o Encontro Nacional da Articulação Semiárido Brasileiro (EnconASA), em Alagoas e Sergipe, em 2024. Mesmo convivendo com dores na coluna e artrose, o agricultor não recusa um convite: "Só não vou se não der mesmo. A gente traz muitos conhecimentos para casa", reafirma Zezão.

Aos poucos, Francisca também passou a participar de grupos e movimentos de mulheres e a acompanhar o marido nos encontros mais próximos, dividindo-se entre os cuidados com a propriedade e a busca por saber. "Gosto muito! A gente acumula muita experiência e conhecimento", defende.

Esses momentos mudaram radicalmente a forma como lidam com a terra. Francisca relembra o impacto de uma visita ao quintal familiar de Tica e Seu Julio. "Achei muito interessante ele não fazer queimada, nenhuma folha. Agora não, mas antes a gente fazia", destaca a agricultora. O aprendizado técnico também incluiu métodos de irrigação econômica ensinados por técnicos dos projetos que a família participa, como a orientação de molhar apenas a base da planta para preservar a umidade do solo.

Atualmente, o casal ocupa espaços de liderança de destaque na região. Zezão é o atual presidente da Associação dos Pequenos Agricultores da Lagoinha I, contribuindo com a organização dos/as trabalhadores/as rurais e atraindo novos projetos para a localidade. Ao mesmo tempo, Francisca encontrou sua própria voz e espaço de articulação ao participar de encontros e grupos de mulheres.





Essa vivência em grupo ajudou a mudar a visão que eles tinham sobre o meio rural. "Quando eu comecei a me envolver, abriu mais a minha mente. Conheci coisas que não conhecia, tem muita coisa que eu nem pensava que existia. A gente escuta que no interior não tem nada, né? Só tem fome, isso e aquilo, mas chegando aqui minha mente desbloqueou. Descobri que não é como falavam. Fiquei surpresa com as tecnologias que tem no interior", relata Francisca.

Mais do que a comercialização, a terra garante a segurança alimentar e nutricional da família. Na mesa de Francisca e Zezão não falta fartura: produzem e consomem batata-doce, macaxeira, feijão, milho, maxixe, jerimum, banana, laranja, abacaxi, três variedades de limão e acerola, além da carne dos animais que criam. Uma produção que beneficia diretamente os familiares e até a vizinhança.

O sucesso da experiência em Itapipoca é resultado da união e da parceria do casal. "Graças a Deus tenho coragem de trabalhar. Cuidar de horta, do roçado. Aqui é um trabalho de equipe", finaliza Zezão, celebrando a parceria que transformou um pedaço de chão no Semiárido em um ecossistema de vida e dignidade.

